

E foi confronto

TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO Em seu depoimento em Curitiba dia 13, Lula prova, ele sim, a politização desta Têmis desvendada

POR RENÉ RUSCHELL

Faltavam cerca de 20 minutos para o início da audiência na Justiça Federal, em Curitiba, quando Lula desceu do carro. Cercado por jornalistas, percorreu menos de 100 metros espremido por uma multidão de militantes, populares e integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que o aguardavam pacientemente havia mais de duas horas, sob o sol escaldante que beirava 30 graus em pleno inverno na República de Curitiba.

No curto trajeto entre o carro e a barreira que protegia a área isolada, não havia um único policial fardado a seu lado. Apenas o povo para protegê-lo. “Saí de casa às 6 horas da manhã só para ver o Lula. Queria poder dar um abraço nele, mas valeu a pena estar aqui. Não poderia morrer sem ver esse homem em carne e osso. Ele passou do meu lado”, afirmou o pedreiro desempregado João Tertuliano da Mota. Todo esse esforço era uma espécie de gratidão pelo período de “fartura” que viveu durante seus dois governos. “Quando o Lula era presidente, eu tinha emprego, não faltava trabalho. A gente era caçado pelas construtoras. Agora estou há nove meses desempregado, vivendo de bicos”, desabafa Mota.

Das sacadas e janelas dos prédios emoldurados por bandeiras do Brasil, uma plateia silenciosa assistia. No

Em um canto, o ex-presidente, no outro, o inquisidor. Os privilegiados nas janelas, no asfalto, o povo

asfalto, um grupo de trabalhadoras domésticas acenava e fotografava o ex-presidente com o celular. Pela segunda vez ele retornava a Curitiba para ser interrogado pelo juiz Sergio Moro. Dessa vez, o petista é acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro pela compra de um terreno em São Paulo para instalação da nova sede do Instituto Lula.

O ambiente na capital paranaense era de calma. O contingente da Polícia Militar não passou de mil homens, sem demonstração ostensiva



Reunida na praça, a multidão espera por Lula



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 34

Amazônia O Ministério
Público investiga o massacre
de índios isolados



RENÉ RUSCHEL E HEULER ANDREY/AFP



Seu País

de força, com policiais armados estacionados nas esquinas ou circulando em viaturas pela cidade. Um helicóptero acompanhou o trajeto de Lula até o bairro do Ahu, onde fica o *bunker* de Moro, a sede da Justiça Federal.

O que não faltou foram *outdoors* distribuídos pelas principais vias dando “boas-vindas” ao depoente. “Seja bem-vindo! A República de Curitiba te espera de grades abertas”, dizia um deles, com a ilustração do ex-presidente dentro de uma cela. Outro, “A República de Curitiba adverte: a lei é para todos!” Segundo os organizadores, os custos para a confecção e divulgação dos painéis foram divididos entre amigos e colaboradores envolvidos na operação.

O ânimo dos fiéis da República de Curitiba foi instigado, durante a semana, pelo destaque midiático às declarações do ex-ministro Antonio Palocci, que afirmou em depoimento a Sergio Moro a existência de um “pacto de sangue” entre o PT e a Odebrecht, criado na transição entre Lula e Dilma Rousseff, no fim de 2010. “Lula está sangrando e vai morrer preso aqui em Curitiba”, sentenciou o técnico em informática e simpatizante do Movimento Curitiba contra a Corrupção, Laurindo Brandini.

A despeito dos esforços dos simpatizantes da inquisição, a concentração dos grupos pró-Moro na região do Centro Cívico, a pouco menos de 4 quilômetros do evento petista, mais uma vez foi um fracasso. A elite branca curitibana preferiu, como se dera na ocasião anterior, manter-se alheia e apenas acenar do alto dos prédios. A exposição maior é estampar adesivos nos carros onde se lê “Eu apoio a Lava Jato”. A expectativa da participação de 500 pessoas foi frustrada. A atração dessa vez não era mais o boneco “Pixuleco”, mas o “Super Moro” – um boneco inflável com cerca de 3 metros de altura, à imagem e semelhança do magistrado. Menos de 200 pessoas participam do manifesto.

Enquanto isso, no Centro da cidade, na Praça Generoso Marques, uma plateia estimada em 7 mil pessoas se aglomerava para esperar Lula após o depoimento. A manifestação teve menos público que a ocorrida em maio último, mas, segundo os organizadores, o enfoque dessa vez era outro. “Este não é um evento de massa. Vivemos outra conjuntura, outro momento político. Está claro que há uma perseguição ao presidente Lula e ao seu governo, mas não vamos nos mover nessa mesma lógica”, afirmou o presidente do diretório regional do Partido dos Trabalhadores, o ex-deputado federal Doutor Rosinha. Lideranças políticas, como os senadores Lindbergh Farias (RJ), Humberto Costa (PE), Fátima Bezerra (RN), Paulo Rocha (PA), além da presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann e do peemedebista Roberto Requião, ex-governador do Paraná. Vieram também caravanas de outros estados.

Um grupo de 48 pequenos agricultores chegou de Teresina (PI). “Viajamos 72 horas para estar aqui. Somos solidários ao presidente Lula. Ele representa a nossa esperança”, afirmou Cláudia Lima. Postada defronte ao palanque, carregava um cartaz onde lia “Lula. Piauí, Teresina”. Segundo ela, a presença física foi a única forma de manifestar



Na rua, os chegados de todo o Brasil



a gratidão por tudo o que receberam no “esquecido Nordeste” durante seus dois governos. “Eu não conhecia o Paraná. Isso aqui é o paraíso. Só quem conhece a miséria nordestina é capaz de entender a importância que Lula teve para nós”, ensinava em um tom didático.

Edmar Silva, professor no bairro Brasilândia, na Zona Norte de São Paulo, engrossava a multidão ao lado de outros



RENÉ RUSCHEL E REPRODUÇÃO

40 colegas do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp). “O governo Lula foi o único, nas últimas décadas, que teve a sensibilidade social de olhar para os menos favorecidos. Não consigo entender a miopia dessa elite, ou mesmo de parte dos trabalhadores, que não reconhece esse esforço”, afirmou Silva. Para ele, basta citar os programas Minha Casa Minha Vida, ProUni e Luz para Todos, dentre

De volta para casa, entre filhos, netos e até uma bisneta, “poderei dizer que **depos diante de um juiz imparcial?”**

tantos. “Não podemos perder todos esses avanços sociais.”

No palanque, os oradores se revezavam. O ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão foi enfático em seu pronunciamento. Criticou o Poder Judiciário, o Ministério Público por viverem em “uma redoma social”, esquecidos da contribuição que a Lava Jato deu à crise econômica, responsável, inclusive, pelo crescimento do desemprego. “Mas ninguém



Seu País

fala na corrupção desse Poder que atribui a si auxílio moradia no valor de cinco salários mínimos.” Criticou a condenação sem provas de uma Justiça “politiqueira” e ironizou o comparecimento de Moro à *avant-première* de um filme “sobre suas peripécias jurisdicionais”. “Desfilou como herói”, trovejou Aragão.

Requião criticou o projeto “Ponte para o Futuro”, apresentado pelo PMDB, instrumento do golpe. “Esse projeto é rigorosamente inviável, mas ele avança em um Congresso Nacional corrompido, comprado pelo Executivo por meio de favores, emendas e empregos”, afirmou. E, se não há esperança em relação ao Congresso, “só nos resta sair às ruas, para protestar e exigir mudanças”.

No seu depoimento de cerca de três horas, Lula fez duras críticas ao MPF-PR e afirmou ser vítima de perseguição política. Dessa vez, o ex-presidente usou tom e palavras mais duras do que dera na oportunidade anterior. Demoliu as acusações de Palocci e insinuou que, sob a tortura do cativeiro imposto por Moro, poucos deixam de dizer tudo quanto o inquisidor deseja ouvir. Foi generoso, entretanto, e até elegante, ao reconhecer que o ex-ministro trabalhou ao seu lado com acerto e que já mereceu a sua amizade. Sem uma flechada na retórica palocciana: difícil de digerir, de fato, a ideia do “pacto de sangue” com a Odebrecht, coisa de romances de aventura do século XIX.

Lula é bom frequentador da ironia, embora nem todos tenham tino bastante para percebê-la. À procuradora Isabel Vieira, disse, implacável: “Tem tanta

coisa que a imprensa já sabe e a senhora ainda não sabe, doutora”. E lá pelas tantas atirou nos ouvidos do inquisidor: “O que menos preocupa vocês é a prova”. Ao cabo, o fecho irretocável: “Vou chegar em casa amanhã e almoçar com oito netos e uma bisneta de 6 meses. Eu posso olhar na cara dos meus filhos e dizer que vim a Curitiba prestar depoimento a um juiz imparcial?”

Napraça Generoso Marques, Lula chegou ao anoitecer. Virá a Curitiba quantas

Não cabe esperança no Congresso, só nos resta sair às ruas, adverte Requião

vezes for necessário, pois não se considera um homem acima da lei, disse à plateia vibrante. “Cometi, no meu governo, o grave erro de sonhar. Sonhar em fazer da Petrobras a maior empresa de petróleo do mundo. Sonhei que os filhos de trabalhadores, do pedreiro, da empregada doméstica, pudessem frequentar universidades. Sonhei em dar esperança à nossa juventude. Sonhei com um país onde não haja exclusão social e que as mulheres não sejam tratadas como objetos de cama e mesa”, proclamou.

Disse que, embora não tenha concluído o curso primário, tem a sensibilidade para ouvir e entender os dilemas do povo. “Quem tem a sede de justiça que trago comigo, quem não morreu de fome no Sertão nordestino até os 5 anos de idade, não tem medo de nada. Não desisto e vou lutar até os últimos dias da minha vida.” •



“Cometi o grande erro de sonhar”, disse Lula na praça

RICARDO STUCKERT